AGRICULTURA TRADICIONAL DO NORDESTE TRANSMONTANO

ANIMAIS, UTENSÍLIOS E CONSTRUÇÕES

2ª edição

DELFIM MACHADO

agrobook

AGRICULTURA TRADICIONAL DO NORDESTE TRANSMONTANO

ANIMAIS, UTENSÍLIOS E CONSTRUÇÕES

2ª edição

DELFIM MACHADO

agrobook

AUTOR
Delfim Machado

TÍTULO
AGRICULTURA TRADICIONAL DO NORDESTE TRANSMONTANO - ANIMAIS, UTENSÍLIOS E CONSTRUÇÕES (2.ª EDIÇÃO)

EDIÇÃO
Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.
Praça da Corujeira n.º 38 · 4300-144 PORTO
Tel. 220 939 053 · E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt

CHANCELA
Agrobook – Conteúdos Técnicos e Científicos

DISTRIBUIÇÃO
Booki – Conteúdos Especializados
Tel. 220 104 872 · E-mail: info@booki.pt · www.booki.pt

REVISÃO
Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN
Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
Páginas 122, 123, 130 e 159: Imagens retiradas do livro *Alfaia Agrícola Portuguesa*. As restantes imagens são provenientes do arquivo do autor, que foram tiradas entre os anos 2002 e 2007, por todo o Nordeste Transmontano.

IMPRESSÃO
Setembro, 2025

DEPÓSITO LEGAL
552953/25

A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2025 | Todos os direitos reservados Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.
A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções especificas.

CDU
631 Agricultura em geral
631.3 Máquinas, apetrechos e equipamento agrícola

ISBN
Papel: 9789899177970
E-book: 9789899177987

Catalogação da publicação
Família: Agronomia
Subfamília: Outros

ÍNDICE

DEDICATÓRIA ..... **VII**
PREFÁCIO ..... **IX**
INTRODUÇÃO ..... **XIII**

1. ANIMAIS **17**

2. MOLIDAS E JUGOS **37**

3. MEIOS DE TRANSPORTE E RESPETIVOS APETRECHOS **47**

4. TRABALHO DA TERRA **67**

5. REGA **89**

6. TRATAMENTO DAS CULTURAS **101**

7. CULTURA DOS CEREAIS E OUTROS **111**

8. PRODUÇÃO DE VINHO, AGUARDENTE E AZEITE **131**

9. ARMAZENAMENTO E CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS **143**

10. BALANÇAS E MEDIDAS **151**

11. PRODUÇÃO DO LINHO E DA LÃ **161**
11.1. Linho 164
11.2. Lã 168

12. CASA DO AGRICULTOR **171**

13. ATIVIDADES ACESSÓRIAS DO AGRICULTOR **193**
13.1. Carpinteiro 195
13.2. Ferreiro 204
13.3. Ferrador 207
13.4. Latoeiro 208
13.5. Sapateiro 211
13.6. Moleiro 212

POSFÁCIO ..... **CCXIX**
NOTA DO EDITOR ..... **CCXXI**
BIBLIOGRAFIA ..... **CCXXV**

INTRODUÇÃO

Admite-se que a descoberta da agricultura com a cultura dos cereais (trigo e cevada), criação de gado (ovelhas, cabras, vacas, etc.), e o desenvolvimento da cerâmica, se fez no início do neolítico, nos vales férteis dos grandes rios do Próximo e Médio Oriente e só mais tarde na Europa. Por essa altura, os rios mesopotâmicos Tigre e Eufrates e rio Jordão, já serviam para irrigar as searas e sociedade agrária do vale do Nilo. Assim, com a descoberta da agricultura, o homem realizou a primeira revolução económica da sua longa história.

Desde há muitos milhares de anos, que o ser humano se tem deparado com uma premente, e para muitos nunca satisfeita, necessidade, que é a da angariação de comida. O uso de utensílios, e mais tarde dos animais entretanto domesticados, deu um importante contributo para esse fim. A agricultura é claramente, uma componente essencial do desenvolvimento local em meio rural, tendo um papel determinante na fixação das populações nesse meio, sem a qual muitas aldeias ficariam irremediavelmente vazias.

A agricultura transmontana, de minifúndio e muito individualista, ainda recorre à utilização em pleno século XXI de equipamentos tidos como relíquias de museu, atrelados a animais como o caso do burro que está ameaçado de extinção. Desta feita tem havido muita boa gente a tirar partido desta situação, como é o caso mais conhecido, o da criação de burros e seu uso com fins terapêuticos ou simplesmente de lazer, fazendo as delícias dos turistas que vêm ao encontro da vida do campo.

Também a produção de produtos agrícolas de forma biológica com recurso a métodos e técnicas tradicionais mais amigas do ambiente, tem vindo a ter bons resultados e porventura será a salvação da pequena e modesta agricultura, que assim se fará sobressair entre os demais produtos do mercado como de maior confiança, melhor sabor e mais amigos do ambiente.

Por forma a rentabilizar e tirar mais-valias destes métodos e técnicas agrícolas, tem surgido num esforço conjunto de várias entidades da região, aliadas a operadoras turísticas, os roteiros turísticos, visando trazer massas populacionais para as zonas rurais, onde irão encontrar belas paisagens e bons alimentos para degustarem. Para os mais apaixonados recomenda-se o turismo rural e o "bio-agro-turismo", onde irão encontrar a agricultura

tradicional do Nordeste Transmontano no seu estado puro, onde poderão executar variados trabalhos contactando com animais e equipamentos agrícolas, para produzirem os alimentos que mais tarde irão comer, deliciar e recomendar aos seus amigos.

Teve, desde tempos imemoriais, particularidades específicas em que os produtos agrícolas tinham o mesmo valor que o dinheiro, que sempre foi raro nos bolsos dos agricultores. Uma das que ainda se mantém é a troca direta de produtos entre eles, em que, um cesto de tomate é trocado por um saco de batatas, satisfazendo assim carências de duas famílias.

Na altura dos trabalhos do calendário agrícola regional, referindo as plantações, sementeiras, podas, colheitas, transporte e transformação dos produtos, não raro nos finais do século XX, recorriam a uma forma de trabalho para outros, prestando ajuda sem direito a retribuição monetária, mas sim de força de trabalho, que seria tornada em igual quantidade e em igual serviço quando o prestador necessitasse, seria o beneficiário que lhe faria devolução do mesmo trabalho. Este tipo de trabalho também se aplicava a trabalho aratórios com recurso a juntas de bois ou de gado cavalar. Este termo ficou conhecido nos meios agrícolas transmontano pelo termo de "torna jeira".

Quando um produtor estava em apuros de liquidez, muitas vezes recorria a um amigo pedindo o empréstimo que suprisse a carência. Muitas vezes por imposição do emprestador era pedido um penhor ou garantia. Estas eram dadas em função do valor em causa e quando se tratava de valores pequenos, o penhor podia ser uma oliveira, cuja cultura desde sempre mereceu de proteção dos serviços oficiais e dada a sua longevidade era uma garantia de retorno do valor emprestado. Mas se o valor era ainda mais pequeno do que o atribuído a uma oliveira, não raras vezes a garantia era simplesmente de uma parte da oliveira, descrevendo qual a parte ou o ramo que era dado como penhor. Este sistema de empréstimo era legal e permitido oficialmente podendo este movimento ser registado nas finanças. Ainda hoje, em muitos artigos de matriz rústicas, aparece a indicação de… "uma oliveira cujo proprietário é …, plantada na parcela, propriedade de outra pessoa". Este sistema era chamado de oliveiras na terra de outro. Era obrigatório que o possuidor do solo providenciasse a lavoura da oliveira estranha como se dele fosse.

A agricultura é uma atividade que exige trabalho árduo e que não conhece descanso, porém os nossos avós, apesar de tantas agruras e sacrifícios, eram na sua humildade pessoas felizes e que faziam do trabalho dias de festa. As cegadas, as vindimas, a tosquia do gado e a matança do porco eram tidos como dias de festa, possuindo rituais característicos em cada concelho.

O Nordeste Transmontano é constituído pelos concelhos de Bragança, Vinhais, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro, Alfândega da Fé, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, tendo todos características muito particulares, mas que partilham uma extraordinária riqueza cultural.

Na sua vida profissional, como formador em cursos de formação profissional, o autor tem percorrido toda a região transmontana e contactado com muita boa gente que lhe fala de como era a vida antigamente. Lidou com agricultores de diferentes idades, uns que podiam ser seus avós e outros que podiam ser seus filhos. A certa altura, apercebeu-se que dos mais velhos para os mais novos se perdiam muitos conhecimentos e tradições da agricultura tradicional.

Começou assim, no ano 2001, por angariar utensílios para mais tarde fazer um museu particular. Foi, ao mesmo tempo, catalogando e descrevendo as principais características de cada um. Passados alguns anos, já tinha um número considerável e foi então que, no ano 2004, lhe veio a ideia de elaborar o presente manual, a qual tem vindo a ganhar forma, culminando agora neste livro.

Este livro ilustra e descreve, de forma resumida, os principais utensílios e construções utilizados na agricultura tradicional do Nordeste Transmontano, fazendo referência ao nome, ao facto de ser ou não ainda usado na atualidade, função e principais características. Estes instrumentos e utensílios, de uma forma ou de outra, fazem parte da vida do agricultor. Alguns deles têm mais do que uma designação, facto que se atribui às diferentes denominações atribuídas pelos agricultores dos vários concelhos da região, ou mesmo a diferenças de nome existentes no mesmo concelho.

Na agricultura, para se criar e/ou preservar os instrumentos utilizados, era necessário o contributo também do carpinteiro, do ferreiro ou do latoeiro, entre outros. Como tal vamos aqui de igual forma fazer referência a estas atividades complementares. De salientar que, em alguns casos, o agricultor é o próprio carpinteiro e/ou ferreiro da sua exploração, tendo alguns o génio e o artifício de produzirem auxiliares que lhes permitia rentabilizar o trabalho e reduzir o esforço físico, com benefício na economia doméstica.

A tecelagem, com a produção de tecidos de linho e lã, era usada pelo agricultor quer para autoconsumo, na produção das suas vestes e panos de sua casa, quer, também, para venda, gerando uma fonte de rendimento suplementar, aproveitando período de menos afazeres no campo ou em dias de impossibilidade por condições climatéricas ou outras. Muitas vezes eram as mulheres da casa que se dedicavam a esse trabalho, desde o fiar da lã e do linho, à lareira ou durante o serão nos longos dias de verão.

Desde sempre o homem soube adaptar-se e viver em harmonia com o meio que o rodeia. A domesticação dos animais e a criação de gado deram-lhe novas formas de encarar a vida. O seu trabalho passou a poder contar com bens e serviços proporcionados pela utilização dos animais, que lhe ofereciam força motriz, carne, leite, lã, etc. e, ainda, os dejetos, aproveitados para fertilização das terras.

Os animais de maior porte estavam destinados ao trabalho, sendo os bovinos os mais importantes.

De referir que as "juntas de bois" que uma casa agrícola possuía eram representativas da sua grandeza. Também o tipo de animais de que se era proprietário era representativo do estatuto social, possuindo as casas ricas bois e vacas, as medianas machos e/ou mulas e as mais pobres os burros.

Figura 1.1.
Aspeto de um mural em azulejo, alusivo aos bois, situado junto de um chafariz de água, na cidade de Mirandela.

Figura 1.2.
A lavra da vinha com burro. Vila Verde, Mirandela (17/03/2004).

Figura 1.3.
Arranque de batatas com assucador puxada por macho. Note-se ao fundo o trator com semirreboque no qual são transportadas as batatas. Rebordãos, Bragança (13/09/2004).

As duas situações de trabalho das figuras refletem a atualidade e, mostram que afinal, e em particular nesta região, o passado com recurso a técnicas de cultivo tradicionais e o presente com um forte apoio de incentivos financeiros do Estado e da União Europeia para a aquisição de máquinas agrícolas, coexiste pacificamente com harmonia.

Figura 1.4.
Gado bovino.

Na imagem temos belos exemplares da raça mirandesa, muito difundida a sua criação na atualidade nesta região. Estes animais são usados para puxar os vários equipamentos agrícolas e para a produção de carne, sendo esta, atualmente, o principal objetivo. São muito dóceis e fáceis de lidar, têm muita força e grande porte, sendo a sua carne de excelente qualidade; assim se justifica a sua utilização quer para trabalho quer para carne de consumo. O touro é o macho, e o boi é o macho castrado, sendo a fêmea a vaca.

De referir que a raça mirandesa é uma raça autóctone desta região. Com D.O.P. (denominação de origem protegida) nos concelhos de Miranda do Douro, Vimioso, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Bragança e Vinhais.

Figura 1.5.
Vitelo da raça mirandesa, alimentando-se na sua progenitora.

O tempo de gestação é de nove meses, culminando com o nascimento de uma cria (raras vezes duas), à qual se chama vitelo/a ou bezerro/a.

CAPÍTULO 12

CASA DO AGRICULTOR

Foi há cerca de 10 mil anos que os homens começaram a construir casas. Começaram por imitar as antigas cavernas, escavavam um buraco circular e cobriam-no com um teto de canas, ramos de árvores, etc. Cerca de 7000 a.C., apareceram as primeiras habitações de forma quadrangular, tendo sido uma grande melhoria, pois vários quadriláteros juntos faziam uma casa maior e com divisões separadas. Gradualmente o homem aprendeu a modelar pedras, misturar argamassas e cortar madeiras de árvores em vigas e pranchas.

A arquitectura tradicional é o resultado de muitos anos de aperfeiçoamento, de adaptação ao meio ambiente e às necessidades dos moradores de cada região. É sem dúvida um dos aspetos mais importantes da nossa cultura.

Dizem os antigos que a casa é o reflexo de quem a habita, seja a casa grande, de família abastada, a qual tendo brasão é de nobres e se chama solar, seja a pequena casa do pobre ou casebre.

Figura 12.1. Casa do agricultor.

Casa localizada na aldeia de França, Bragança a 07/09/2003, tendo como matérias-primas na sua construção o xisto e madeira, pois são materiais de fácil aquisição e manuseamento. Por outro lado, encontram-se algumas casas de granito, mas como material mais nobre na maioria dos concelhos da região, só o utilizam as casas mais abastadas, "o rico da aldeia" como fui ouvindo.

Esta é uma casa típica rural, com o traço original, servindo de habitação do agricultor seu proprietário.

É uma casa de dois pisos (rés-do-chão e 1º andar), sendo vulgarmente o 1º andar para habitação e o rés-do-chão a arrecadação e, em alguns casos, ainda a loja dos animais (estábulo).

Os materiais usados, pedra de xisto, ardósia ou granito, têm a ver com a sua disponibilidade nos locais de construção, pois o seu transporte era curto e mais barato. Assim, o xisto sendo de dimensões variáveis e melhor para manusear, era escolhido sempre uma das faces para dar corpo à parede exterior e outra à parede interior, sendo o interior cheio com barro amassado, muitas vezes com palha triturada que aproveitavam da varredura do trilho da eira, pedras menores para dar consistência e resistência à parede. As juntas eram seladas com barro ou argila. A utilização do granito exigia mais mão-de-obra no corte da pedra com a largura certa para fazer as paredes e depois uma preparação de cada uma das peças a fim de lhe dar a lisura necessária. A esse tipo de pedras era dado o nome de propianho. Com este material, a elevação de paredes era mais rápida, tinha necessidade de ir fazendo subir as pedras para a altura em que as paredes estavam, não havendo grandes meios de elevação, eram usados planos inclinados construídos com pranchas de madeira. A movimentação das pedras até ao local onde iriam ficar, era feita com pequenas alavancas de aço, sendo dois ou quatro operários a manusear estes instrumentos simultaneamente, ao mesmo tempo que um deles como cantador ia desfiando uma lengalenga do género: Ói pedrinha ói. E quando dizia o segundo ói, todos movimentavam a sua alavanca, levantando a pedra e fazendo um movimento no sentido que queriam que ela se deslocasse. E esta canção tinha outras letras adaptadas a cada cantador. Outras vezes era: Vai pedrinha, vai; ou ainda: Ó pedrinha linda, ó.

AGRICULTURA TRADICIONAL DO NORDESTE TRANSMONTANO

ANIMAIS, UTENSÍLIOS E CONSTRUÇÕES

2ª edição

DELFIM MACHADO

Sobre a obra

É do maior interesse científico preservar a cultura dos nossos antepassados, tanto mais que a crescente mecanização das atividades agrícolas, tendo em vista produzir mais ao menor custo possível, tem levado à extinção das técnicas e dos instrumentos outrora usados em larga escala. Há pois que estudar, com urgência, o pouco que ainda nos resta no riquíssimo filão etnográfico da agricultura transmontana.

Pretende-se assim, com este livro, fazer um levantamento dos principais utensílios e construções usados tradicionalmente na agricultura transmontana. Para tal, foram tiradas mais de 250 fotografias, incluindo situações reais de trabalho, as quais surgem aqui catalogados e acompanhados por uma descrição das suas características mais importantes, como o(s) nome(s), o facto de ser ou não ainda usado, e a função.

Sobre o autor

Delfim Machado

Licenciado em Engenharia Florestal, formador e professor de Mecanização Agrícola. Titular de quinze cursos de formação profissional, na área da mecanização agrícola, homologados pelo Ministério da Agricultura. Vogal da Comissão Técnica n.º 2 "Máquinas Agrícolas", do Instituto Português da Qualidade (IPQ), com a coordenação da Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), desde junho de 2014.

Também disponível em formato e-book

ISBN: 978-989-9177-97-0

www.quanticaeditora.pt

agrobook